

A HOMOGENEIZAÇÃO DE GÊNEROS LITERÁRIOS NOS FILMES DE WALT DISNEY

Alan Febraio PARMA

(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolonhini

RESUMO: Este artigo é o desenvolvimento de um trabalho já apresentado anteriormente, que pretende estudar o processo de adaptação de obras literárias consagradas em filmes de animação do estúdio Walt Disney, mostrando como essas obras, de diferentes gêneros literários, com diferentes características, acabam por ser moldadas de uma forma homogênea para que se tornem obras típicas da empresa em questão. Serão descritos os gêneros literários considerados, o conto de fadas e o romance do século XIX, bem como um rápido resumo da obra original e do filme adaptado, para que se possa fazer um paralelo entre eles. Este é um recorte do trabalho original, para que ele possa se enquadrar nos moldes dessa publicação proposta.

Palavras-Chave: Análise de Discurso; gêneros literários; adaptação; Walt Disney; autoria.

Objetivo

O presente trabalho tem por objetivos mostrar como se dá a adaptação de dois gêneros literários distintos (conto de fadas e romance do século XIX) em filmes de animação do Walt Disney Estúdios respectivamente: *A Pequena Sereia* (1989) e *O Corcunda de Notre Dame* (1996).

Para tanto, serão mostradas características de cada um dos gêneros literários em questão, além de resumos das obras originais e dos filmes, evidenciando as diferenças presentes entre as duas versões da mesma história. Através dessa comparação, será explicitada a formação discursiva do estúdio Disney para seus filmes de animação, o que faz com que as obras originais sejam alteradas para se enquadrarem no seu modelo de produção e será respondida a pergunta: afinal, a quem cabe a autoria da história adaptada?

Justificativa

É difícil encontrar quem nunca tenha visto um filme da Disney. Os filmes são destinados para o público infantil, mas não são exclusivos para esse, sendo que atingem o imaginário de milhares de pessoas ao redor de todo o globo, uma vez que a difusão dos produtos da empresa é de âmbito mundial.

Porém, poucas pessoas sabem que os filmes da empresa são adaptações de outras obras. Dessa forma, a maioria dos espectadores conhece apenas uma versão da história, aquela contada pelos moldes de Walt Disney, já tendo essa passado por uma adaptação ideológica condizente com os princípios e o estilo de produção da empresa. Os filmes são de mais fácil acesso do que as histórias originais, o que permite essa forte influência da Disney no imaginário de seus espectadores que podem se surpreender ao descobrir que a pequena sereia, por exemplo, morre no final de sua história, tal como ela é contada pelo seu criador, Hans Christian Andersen. Adaptando essas obras literárias para produções cinematográficas, a Disney transpõe uma forma de linguagem, a escrita, do livro, para uma outra muito diferente, a das imagens, do cinema. Esse processo, juntamente com o fato de se adequar uma história para o público alvo da empresa, bem como de seu estilo de produção, é que abrem margem para as adaptações das histórias.

Como tais filmes já foram assistidos por muitas pessoas, também é interessante um trabalho em sala de aula em que haja o confronto das histórias originais com os filmes Disney, para que os alunos percebam o processo de adaptação de uma forma de linguagem em outra. Os alunos certamente se mostrarão surpresos com as mudanças que as histórias sofreram. A partir da constatação da diferença, o trabalho do professor com o material permitirá que os alunos trabalhem com outros filmes adaptados de livros (que não só os da Disney). O objetivo final é desenvolver um interesse maior pela leitura das histórias originais para perceber as diferenças, sendo que isso pode ser utilizado pelos professores como uma forma de desenvolver o gosto pela leitura.

Essa pesquisa fará parte de uma série de trabalhos já desenvolvidos pelo grupo de pesquisa ao qual estou filiado, que analisa cenas de filmes com o intuito de trazer considerações e contribuições para a prática do professor em sala de aula (cf. Bolognini, C. Z., 2007).

Referencial Teórico e Metodologia

Este trabalho pretende analisar os filmes propostos com base na Análise do Discurso, com destaque para a corrente materialista. Essa corrente teórica visa analisar a linguagem a partir de sua materialidade discursiva e afirma que a língua não é transparente, ou seja, os significados de determinados enunciados não são únicos nem prontos, sendo que cada vez que esses são produzidos eles criam efeitos de sentido em seu interlocutor. Portanto, procura identificar *como* a língua produz sentidos por/para os sujeitos, e não *o que* ela significa. (Orlandi, 1999)

Alguns conceitos teóricos da Análise de Discurso considerados neste trabalho são a *formação discursiva* e a *função-autor*. A *formação discursiva*, segundo Orlandi (1999), é tudo aquilo que numa “formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada –

determina o que pode e deve ser dito”, sendo que esta nos permite compreender os diferentes sentidos de um mesmo enunciado.

A *função-autor* é a mais afetada pela exterioridade, ou seja, pelo contexto sócio-histórico, criando uma relação entre essa e sua interioridade. O autor é aquele que normatiza o discurso, sendo responsável por aquilo que diz, pelo modo como diz etc. Orlandi (1999) afirma ainda que o autor é aquele que agrupa o discurso, constituindo-se como unidade e origem de suas significações, assim como responsável pela sua coerência. O que ele produz é passível de interpretação, e ele se constitui num histórico de formulações, produzindo um meio de interpretação no meio de outros a partir da repetição histórica de seu discurso (ou seja, aquela repetição que pode e deve ser interpretada) (*idem*, 1996).

Consideramos, ainda, como metodologia de pesquisa a ser utilizado, o paradigma indiciário conforme definido por Carlo Ginzburg em seu artigo “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”¹, no qual ele afirma que os pormenores mais negligenciáveis são as maiores fontes de significação. Tal paradigma procura pequenas “pistas” no objeto simbólico a ser analisado que produzam efeitos de sentidos para o interlocutor.

Walt Disney: Uma Breve Biografia

Walter Elias Disney nasceu no dia 5 de dezembro de 1901 em Chicago, Estados Unidos. Ele foi o quarto dos cinco filhos de Flora e Elias Disney, os quais o educaram em sua fazenda em Marceline, Missouri. Tentou, então, se alistar no exército durante a Primeira Guerra Mundial, aos 16 anos, mas era necessária a apresentação de sua certidão de nascimento. Ele não a possuía. Aliás, nem ele, nem seus pais. Isso passou a atormentar os pensamentos de Disney, o qual começou a nutrir a idéia de que havia sido adotado. Esse pensamento seria mantido por toda a sua vida, influenciando sua obra. Para poder se alistar, falsificou alguns documentos e foi trabalhar na Cruz Vermelha.

Depois de voltar da guerra, Disney se mudara para Nova York, para morar na casa do irmão, Roy. Passou a trabalhar para a Kansas City Ad, uma pequena produtora de curtas animados exibidos nos cinemas locais. Lá, trabalhou com seu antigo amigo e futuro parceiro de negócios, Ub Iwerks.

Por volta de 1923, Disney e seu irmão Roy alugaram um pequeno apartamento em Hollywood, onde nasceu o estúdio Disney Brothers. Vendendo seus filmes para algumas distribuidoras, o pequeno estúdio começou a fazer sucesso e, em 1925, Disney decidiu chamá-lo apenas de Walt Disney Estúdio, por considerar que um único nome era mais atraente. Um pouco mais cedo, neste mesmo ano, Disney se casara com Lillian Bounds, irmã da mulher de Roy.

1. In *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Em 1928 lança o primeiro *cartoon* com som, *Steamboat Willie*, estrelado por Mickey Mouse, que se tornara o símbolo da empresa e personagem de grande adoração internacional. Logo após, o empresário passou então a produzir um grande sonho: o primeiro longa-metragem de animação, *Branca de Neve e os Sete Anões*. Depois de anos de trabalho e noites em claro, o filme ficou pronto em 1937, obtendo grande sucesso de público, crítica e bilheteria, dando ao estúdio um *Oscar* honorário da Academia, e sete miniaturas, representando os personagens do filme.

Depois de diversos sucessos consecutivos, que ajudavam a manter a empresa financeiramente, Disney resolve construir um parque temático que tivesse o ambiente de seus filmes e fosse um lugar onde sonhos se tornassem realidade para as crianças do mundo inteiro. Inaugura, então, em 1955, o Disneyland Resort, na Califórnia.

Em 15 de dezembro de 1966, depois de ter sido internado com graves problemas no coração causados pelo seu uso excessivo de nicotina e álcool, além de toda a pressão do competitivo mercado de Hollywood, Walt Disney faleceu, deixando seu grande legado nas mãos de Roy Disney, que daria continuidade aos sonhos de seu irmão.

Os Filmes da Disney

Os filmes da Disney são, em sua grande maioria, adaptações de obras literárias famosas, que já têm certo apelo ao público infantil. Essas adaptações geralmente alteram significativamente as obras originais, seja para uma melhor identificação dos personagens, seja para que haja um final feliz.

Estes “filmes família”, como a crítica convencionou chamar os filmes da empresa, silenciam discursos religiosos, políticos e sexuais para atingir seu público alvo, as crianças, sendo esse silenciamento oriundo da postura moralizante e conservadora do próprio Disney. Os filmes tentam atingir a inocência guardada em cada um, sendo que a inocência, segundo o fundador da empresa, é a principal característica da criança e fica adormecida dentro de todos, mesmo que adultos.

A empresa é conhecida, também, por criar filmes com conflitos familiares, que vão desde maus tratos dispensados pelas madrastas às princesas inocentes, até mesmo ausência de figuras familiares, porém, ambas as situações são desafios colocados aos protagonistas para que esses aprendam uma lição moralizante, de superação de obstáculos e de escolha do caminho do bem em detrimento do caminho do mal.

A Pequena Sereia

Os contos de fadas

Os contos de fadas pertencem ao grupo de contos maravilhosos na qual as atitudes humanas são motivadas pela realização pessoal, do nível existencial. São narrativas que se desenvolvem dentro de um ambiente maravilhoso, com ou sem a presença de fadas, sendo que os argumentos são desenvolvidos dentro da magia feérica (presença de reis, princesas, bruxas etc) e a problemática gira em torno da realização pessoal do herói, geralmente relacionado à união homem-mulher (Coelho, 1991). Porém, para se alcançar a auto-realização existencial, seja pelo encontro da verdadeira identidade, seja pelo encontro com seu ideal, o herói deve passar por vários obstáculos e provas, ou seja, essas narrativas trazem a luta do eu em busca de sua realização interior. Porém, essa busca pode terminar em tragédia, já que o amor é fatal em todos os contos de fadas. Por fim, tais contos apresentam sempre uma moral, um ensinamento para aqueles que os lêem.

O conto de Andersen

O dinamarquês Hans Christian Andersen lança, entre 1835 e 1872 seu livro de contos, "Eventyr", no qual está presente o conto *A pequena sereia*, entre outros. Segundo Coelho (idem), podemos perceber em seus contos duas atitudes humanas: a guiada pelo espírito cristão, que concebe este mundo como um local de sofrimento, repleto de provações que os personagens devem passar para chegar ao paraíso, ou guiada pelo espírito liberal-burguês, que exalta o individualismo generoso e empreendedor, a importância do dinheiro e das riquezas para a realização do indivíduo. *A Pequena Sereia* enquadra-se na primeira concepção, a do espírito cristão.

No conto, a sereia (não nomeada) é a caçula de seis outras sereias, filhas do rei, que está ansiosa para completar seus quinze anos, uma vez que ao chegar nessa idade a avó das sereias permitia que elas visitassem a superfície. Quando esse dia finalmente chega, a sereia avista um navio onde se comemorava o aniversário de um príncipe. A sereia logo se apaixona por ele e o salva durante um naufrágio.

A sereia passa, então, a visitar constantemente a superfície para ver o príncipe em segredo e desejava se tornar humana. Porém, sua avó a avisara que as almas dos humanos eram imortais e a das sereias não, sendo que essas viviam cerca de trezentos anos e então se transformavam em espuma do mar. Portanto, só havia um jeito de se resolver esse problema: um humano tinha que desposar uma sereia para que essa passasse a ter uma alma imortal também.

Apaixonada, a sereia resolve fazer um acordo com a bruxa do mar, que a transformaria em humana, mas teria sua língua como pagamento, uma vez que a sereia possuía a mais bela das vozes. Porém, havia uma condição: o príncipe deveria tomá-la como esposa, caso contrário o coração dela se despedaçaria e ela se

transformaria em espuma do mar assim que ele consumasse seu casamento com outra mulher (ato sexual). Além disso, cada vez que a garota desse um passo, sentiria como se uma faca afiada a perfurasse os pés. Feito o acordo, a sereia bebeu a beberagem preparada pela bruxa e perdeu os sentidos, acordando diante do príncipe, o qual disse achá-la parecida com alguém que o salvara um dia, mas ele não a reconheceu, nem ela podia lhe dizer quem era.

Levada a morar junto do príncipe, os dois acabam ficando muito próximos, e o amor dela só crescia. Um dia, porém, o príncipe visitara uma princesa de um reino próximo e, achando-a parecida com a garota que o salvara, resolve se casar com ela. Isso entristece muito a sereia e, no dia do casamento dele, as irmãs dela apareceram e lhe entregaram uma faca com a qual ela deveria furar o coração do príncipe para que ela voltasse a ter sua calda e sua alma mortal. Porém, quando a jovem entrou no quarto do príncipe e o vira, perdeu toda a coragem e acabou se transformando em espuma do mar, sendo que ela se encontra com outras criaturas, na mesma situação que a dela, que a informaram que em trezentos anos, ela poderia ter uma alma imortal por meio de boas ações de crianças com as quais ela cruzasse o caminho e, assim, encontrar-se com Deus. Dessa forma, o conto incentiva o bom comportamento das crianças, bem como inclui o discurso religioso cristão afirmando que a resignação a Deus e a caridade levariam nossas almas a atingir o paraíso, o local onde o sofrimento não mais existiria.

O filme da Disney

O filme da Disney traz diversos elementos diferentes, a começar pela nomeação dos personagens que no conto não têm nomes, bem como da inclusão de personagens que não estavam presentes na história de Andersen, como o pai da garota, substituindo a avó dessa. Aqui a sereia se chama Ariel, um nome neutro, que pode ser usado tanto para um homem quanto para uma mulher. Essa dualidade do nome é uma das marcas mais fortes da personagem na história, a qual também possui uma forma dividida em duas: ela possui corpo de mulher e calda de peixe, além de que passa parte da história como sereia e outra parte dessa como humana. Já o nome de seu pai, Tritão, é o nome de um deus marinho da mitologia grega, filho de Poseidon, representado com cabeça e tronco humanos e calda de sereia.

Ariel possui uma coleção de itens humanos e sonha em conhecer a vida na superfície, o que é altamente repudiado por seu pai, que considera os humanos perigosos. A sereia, porém, não dá ouvidos a ele e acaba se apaixonando pelo príncipe Eric, um humano que ela salvara de um naufrágio. Depois de receber uma tremenda represália de seu pai por essa aproximação com um humano, ela decide procurar a bruxa do mar, Úrsula (a qual tinha um grande interesse em se tornar rainha de Atlântida), que lhe transforma em humana em troca de sua voz, dando à sereia três dias para que o príncipe se apaixonasse por ela e a beijasse.

Na superfície, Ariel tem passeios a sós com o príncipe e quando ele percebe que estava apaixonado por ela, chega a bruxa do mar disfarçada e hipnotiza-o,

forçando-o a se casar com ela. Durante o casamento, com a ajuda de seus amigos do mar, a sereia consegue recuperar sua voz e vai beijar o príncipe, porém seu prazo terminara e ela é levada de novo ao mar por Úrsula, que aceita trocar a filha pelo rei Tritão. Com a ajuda do príncipe, a sereia derrota a bruxa, e seu pai a transforma em humana, para que ela possa viver junto de seu grande amor. Com esse final, o amor fatal característico dos contos de fadas é substituído pelo amor correspondido e possível. Além disso, o caráter cristão da obra de Andersen é silenciado, sendo que somos apresentados apenas a personagens com características pagãs, como as bruxas, ou oriundas da mitologia, como as sereias. O que permanece dos contos de fadas é o aspecto da realização no nível existencial, pessoal, uma vez que a sereia faz de tudo para realizar o seu sonho.

O Corcunda de Notre Dame

O romance do século XIX

O livro de Victor Hugo surge num dos movimentos literários mais importantes de todos os tempos, o Romantismo, surgido na Alemanha e na Inglaterra no final do século XVIII. Segundo o próprio Hugo, no prefácio de sua peça *Cromwell* (1827), trata-se do período em que a sociedade começa a cantar o que ela de fato pensa. De acordo com Nunes (1993), o poeta dessa época é um Eu solitário, o que privilegia a expressão do interior desse Eu que sofre e, portanto, carrega seus textos com grande dose de subjetividade. A Natureza seria a extensão dos sentimentos do poeta: se triste, a natureza chora com ele, se feliz, ela está completamente bela. Além disso, a mulher amada pelo poeta é sempre uma figura mitificada, a qual possui uma auréola de pureza, de mistério e de plenitude inacessíveis ao homem, o que o torna melancólico. Outras características importantes do movimento são o nacionalismo (valorização das culturas populares, como os índios, no caso brasileiro) e a liberdade (como afirma Hugo também no prefácio de *Cromwell* “Metamos o martelo nas teorias, nas poéticas e nos sistemas (...) Nada de regras nem de modelos”). É um movimento de temas mais variados, para agradar ao novo público da literatura, os novos burgueses que surgiram depois da Revolução Francesa, em 1789.

O romance de Victor Hugo

O livro se inicia com os festejos do dia 6 de janeiro de 1482, quando se comemora o Festival dos Loucos em Paris. Pedro Gringoire é um poeta, cuja peça estava sendo encenada, mas sempre era interrompida pela multidão, até que essa resolve eleger o papa dos loucos, aquele que fizesse a careta mais feia. Por um acaso, Quasímodo foi colocado no palco e, devido à sua deformidade, eleito o papa

dos loucos. Quasímodo era o sineiro de Notre Dame, um corcunda monstruoso, que tinha uma verruga que lhe cobria um olho, pernas tortas, mãos monstruosas, além de surdo e mudo. Ele havia sido abandonado um dia nas portas de Notre Dame e o juiz eclesiástico Claudio Frollo resolveu adotá-lo, com piedade da criatura e imaginando que aquela sua boa ação pudesse redimir os possíveis maus comportamentos de seu irmão mais novo, Jehan.

Nas ruas, a cigana Esmeralda dançava e encantava o público, inclusive Frollo, que fora tomado por uma paixão súbita pela jovem. O juiz, junto de seu protegido, o corcunda, tenta seqüestrar Esmeralda, tentativa essa interrompida pelo capitão da guarda, Febo, o qual prende apenas Quasímodo, uma vez que Frollo consegue escapar. Tal ato heróico do capitão faz com que a cigana fique tremendamente apaixonada por ele. Gringoire, que vira a cena, começa a andar solitário e decepcionado pelas ruas de Paris e acaba indo parar no Pátio dos Milagres, o refúgio de todos os ciganos e mendigos da cidade e se torna um deles, uma vez que Esmeralda o toma por marido (caso ela não o fizesse, ele seria enforcado). Porém, o casamento é apenas uma farsa, uma vez que o escritor nunca tocara Esmeralda, que se manteria virgem e pura para que, segundo ela acreditava, pudesse assim encontrar seus pais.

Quasímodo é julgado, chicoteado e humilhado em praça pública, sendo ajudado apenas pela cigana, por quem ele acaba se apaixonando. A presença de Esmeralda acaba enfurecendo a reclusa Gúdula, que a amaldiçoa, uma vez que odeia os ciganos, pois esses haviam levado sua bela filha embora quando ainda bebê e colocado no lugar uma criança monstruosa. Quando libertado, o corcunda volta a Notre Dame, mas pouco se ouve agora os sinos da catedral.

Certo dia, Esmeralda dançava na praça acompanhada de sua cabra, Djali e o capitão Febo a vê. Depois de alguns mal-entendidos, o capitão marca um encontro com a cigana. Antes de seu encontro, Febo sai para beber com Jehan, irmão de Frollo, sendo seguido pelo juiz, encapuzado. Esse pede para assistir ao seu encontro com a cigana, o que o capitão permite. Durante o encontro, Esmeralda decide se entregar para o seu amado, mas Frollo sai de seu esconderijo e apunhala Febo, o que faz com que a cigana seja acusada de assassinato.

Frollo a procura e lhe dá uma chance de escolher entre ele e a morte, mas a cigana fica horrorizada com tal proposta, preferindo a força. No dia de seu enforcamento, Quasímodo rouba a cigana de seus carrascos e lhe concede abrigo dentro de Notre Dame. Embora tendo sido ajudada por ele, a cigana não consegue olhá-lo, devido à sua deformidade.

Os mendigos de Paris tentam invadir Notre Dame e raptá-la de lá, mas são impedidos por Quasímodo, que imaginava que aqueles eram inimigos. Enquanto o corcunda tentava defender a catedral, Frollo e Gringoire entravam lá e raptavam Esmeralda. Gringoire foge com Djali, a cabra, mas Frollo faz sua oferta mais uma vez para a cigana, a qual o repudia. Enlouquecido pelo amor, o juiz decide que ela não será de mais ninguém a não ser dele, e entrega a jovem nas mãos de Gúdula, enquanto vai chamar os guardas. A reclusa, depois de tentar ferir a moça,

reconhece-a como sua filha, porém logo chegam os soldados e enforcam Esmeralda, o que faz com que a reclusa também morra do coração.

Vendo a cena do alto da catedral, Quasimodo entristece. Porém, Frollo, que estava ao seu lado, esboça um sorriso, o que enfurece o corcunda, que o empurra de lá de cima, matando seu protetor e perdendo as duas pessoas que ele mais amava no mundo: a cigana e o juiz. Quasimodo ainda entra no túmulo de Esmeralda e lá fica abraçado a ela, para morrer junto dela. Febo também tem um final considerado infeliz: casa-se.

O filme da Disney

Frollo é um juiz eclesiástico que todos temem. No começo do filme ele persegue uma cigana que carregava algo nos braços e mata-a nos degraus de Notre Dame. Ao ver que o que ela carregava era um bebê monstruoso, decide matá-lo, mas é impedido pelo padre da catedral, que diz que ele seria punido por forças divinas. Assustado, Frollo decide criar a criança e lhe dá o nome de Quasimodo, um nome que significa meio formado. Quasimodo cresce e se torna sineiro de Notre Dame, mas seu maior sonho era poder andar pelas ruas de Paris, como uma pessoa comum. Ele então decide ir participar do Festival dos Tolos e acaba sendo eleito o rei dos tolos, graças às sua feiúra. Porém, ele começa a ser humilhado por todos lá presentes e só Esmeralda o liberta e o impede de ser mais ferido. Nesse momento, o corcunda se apaixona por ela. Frollo manda que prendam a cigana, mas Febo não o faz, apaixonando-se pela moça também.

Quasimodo ajuda a cigana a fugir da catedral, onde ela estava encurralada e isso enfurece Frollo, que também desejava o amor da cigana. O juiz diz ao corcunda que sabe onde fica escondido o Pátio dos Milagres, o refúgio dos ciganos, e que atacará com mais de mil homens lá naquela noite. Junto de Febo, o corcunda vai até o esconderijo para avisar Esmeralda e seus amigos, mas aquilo era uma cilada, sendo que Frollo os seguira até lá e prende todos, levando Esmeralda para a fogueira. Prestes a ser queimada, Frollo oferece o seu amor à cigana ou o fogo, sendo que ela se recusa a se entregar a ele e é condenada. Quasimodo rapta a cigana e a leva para a catedral, concedendo-lhe proteção.

Frollo inicia uma invasão à catedral, defendida por Quasimodo e por toda a população parisiense e os ciganos, liderados por Febo, o qual os libertara. No topo de Notre Dame, Frollo persegue o corcunda e a cigana, mas acaba caindo de lá de cima e morrendo. No fim, Esmeralda e Febo ficam juntos, contrariando a característica do Romantismo de que a mulher seria um ser inatingível pelo homem, além de um amor impossível, e Quasimodo é aclamado como herói por toda a população de Paris.

Adaptações

As maiores diferenças em ambas as histórias que podemos notar é o contraste entre o final feliz dos filmes e o final trágico das obras originais: no conto de fadas o amor é fatal, enquanto que no Romantismo, o amor é impossível, porém, nos filmes, o amor não só é correspondido como também é alcançado. Isso ocorre porque é próprio do discurso da Disney que o fim de seus filmes seja feliz, sintetizado pela frase “e viveram felizes para sempre”, para que ele agrade às crianças que lhe assistem.

Além disso, percebemos uma distinção muito clara entre os vilões e os protagonistas dos filmes, desde a sua caracterização: os vilões usam roupas geralmente pretas e as expressões deles são assustadoras. Frollo, por exemplo, tem um rosto angular e sério, com muitas marcas sombreadas, o que lhe confere um ar sombrio de fato. Os protagonistas têm seus objetivos atrapalhados pelo vilão, o qual se aproveita da inocência dos heróis para atingir suas próprias metas, sempre castigando os mocinhos e criando-lhes muitas dificuldades.

Nesse processo de adaptação nos filmes da Disney, podemos dizer que existem dois silenciamentos de autorias, se considerarmos o autor como aquele que organiza o discurso e seria sua fonte de significações, como proposto por Orlandi (1999). O primeiro silenciamento é do autor das obras originais, que só vem mencionado lá pela metade dos créditos finais dos filmes, o que faz com que eles percam o mérito pela história contada. O que ocorre, muitas vezes, é de as pessoas imaginarem que foi a Disney que inventara aquele enredo e aqueles personagens, uma vez que o autor da obra original fica praticamente no anonimato.

O segundo silenciamento ocorre com relação ao diretor dos filmes, pois, segundo Bernadet (1994), o diretor expressaria suas emoções e seus conflitos interiores em sua obra, tornando-se, assim, autor dessa. Porém, não é isso o que acontece nos filmes da Disney, uma vez que o nome do diretor não é reconhecido, pois ele fica às sombras de um nome maior, o que toma a autoria desse filme para si e se responsabiliza pelo o que está sendo mostrado na obra, que seria o nome de Walt Disney. Isso é evidenciado, por exemplo, quando a crítica cinematográfica diz que o novo filme da Disney tem “todos os arquétipos típicos da casa”, ou seja, é considerado como modelo, como estilo de produção, o determinado pela empresa, e não o realizado pelo diretor do filme.

Seguindo, então, essa característica autoral de Bernadet (*idem*), de que o autor do filme deixa suas marcas próprias nesses, sendo assim reconhecido por aquilo que se repete em sua obra, podemos concluir que é exatamente isso que a Disney faz, estabelecendo seu padrão e se assumindo como autora das histórias, criando assim, seus finais felizes e seus personagens típicos ao estilo da empresa.

Referências Bibliográficas:

- ANDERSEN, H. C. (1835) *A pequena sereia* in *Contos de Andersen*. Tradução: Guttorm Hanssen. Paz e Terra, 7ª edição, Rio de Janeiro, 1978.
- BERNADET, J. C. (1994) *O autor no cinema*. Brasiliense, São Paulo.
- BOLOGNINI, C.Z. *Discurso e Ensino O cinema na escola*. Mercado de Letras, Campinas, 2007.
- COELHO, N. N. (1984) *Literatura infantil: história – teoria – análise*. Quiron, 3ª edição, São Paulo.
- _____. (1991) *O conto de fadas*. Editora Ática, São Paulo.
- ELIOT, M. (1993) *Walt Disney – O príncipe sombrio de Hollywood*. Marco Zero.
- GINZBURG, C. (1989) *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* in *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. Companhia das Letras, 1ª reimpressão, São Paulo.
- HUGO, V. (1831) *O corcunda de Notre Dame*. Tradução: Uliano Tevoniuk. Ediouro, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *Do grotesco e do sublime*. Tradução do “Prefácio de Cromwell”. Editora Perspectiva, São Paulo, 1993.
- NUNES, B. (1993). *A visão romântica*. In GINZBURG, J. (org.) “O romantismo”. Editora Perspectiva, São Paulo.
- ORLANDI, E. (1999) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Pontes, Campinas.
- _____. (1992) *As formas do silêncio*. Editora da Unicamp, Campinas.
- _____. (1996) *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Vozes, Petrópolis.

Filmografia

- A Pequena Sereia*, 1989. Produção: Walt Disney Pictures.
- O Corcunda de Notre Dame*, 1996. Produção: Walt Disney Pictures.